



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após visita ao Projeto Beijupirá, no Porto de Recife Recife-PE, 13 de fevereiro de 2009

Presidente: Bem, pessoal, antes de vocês fazerem a pergunta, só quero dizer para vocês que mais uma vez foi gratificante vir a Pernambuco e poder visitar as principais obras do PAC que estão acontecendo no estado de Pernambuco. Eu penso que a visita de ontem à Transnordestina foi muito importante porque, finalmente, a Transnordestina vai ser tocada a todo vapor. Eu, ontem, combinei com o dono da empresa, mais o Ministro da Integração, mais o Ministro dos Transportes que a gente tem que colocar essa Ferrovia para trabalhar em três turnos, no mínimo, para que a gente possa terminá-la o quanto antes. E também porque a melhor forma de enfrentar a crise econômica é gerar o máximo de empregos possível.

A BR-101 está andando, eu diria, de forma extraordinária e eu acho que isso vai significar, para o Nordeste brasileiro, uma possibilidade fantástica de geração de empregos, de desenvolvimento, de crescimento da economia. Hoje, este projeto do beijupirá que nós fomos ver é o primeiro que nós fazemos em 500 anos, ou seja, é uma nova forma de a gente permitir que o Brasil possa ter uma indústria pesqueira competitiva. Não é possível que um país do tamanho do Chile ou do tamanho do Peru pesque muito mais do que nós e tenha muito mais exportação do que nós.

Então, foi muito importante isso, e eu queria só dizer ao meu companheiro Eduardo Campos e ao João da Costa que eu saio daqui mais uma vez gratificado, [porque] Pernambuco está andando rapidamente. Eu não pude visitar o estaleiro. O Eduardo está me convidando para vir visitar à noite, para vê-los trabalhando. Não pude visitar a refinaria da Petrobras, mas todas essas obras agora vão ser desenvolvidas com muito mais rapidez porque nós



precisamos, neste primeiro trimestre e no primeiro semestre deste ano, gerar o máximo de empregos possível que nós queremos para o nosso país.

Nos próximos dez dias nós vamos anunciar um programa habitacional de 1 milhão de casas populares para a faixa de zero a dez salários mínimos. Nós estamos elevando a possibilidade de saque do Fundo de Garantia, que hoje é de R\$ 300, 350, para R\$ 500 mil para as pessoas poderem comprar suas casas, e eu espero que a gente tenha competência, que as empresas tenham competência, que os governos estadual, municipal e o governo federal tenham competência para construir 1 milhão de casas. Eu acho que o povo precisa, nós temos condições de fazer, temos o projeto, temos a engenharia financeira, temos o dinheiro. Portanto, agora é colocar o bloco na rua, depois do carnaval, certamente. Não vamos competir [com] o nosso bloco de construção, com os blocos de carnaval em Pernambuco, no Rio de Janeiro e em Salvador.

De qualquer forma, eu posso dizer para vocês que eu estou satisfeito com as coisas que estão acontecendo no Brasil. Eu estou convencido de que a crise brasileira será infinitamente menor do que a crise nos Estados Unidos, do que a crise na Europa, do que no Japão. Estou convencido de que o Brasil sairá dessa crise muito mais fortalecido, muito mais robusto, muito mais competitivo. Eu tenho desafiado os empresários brasileiros, e tenho dito aos empresários: se a gente não parar de construir as coisas que estamos construindo, quando essa crise acabar e os Estados Unidos, a Europa, o Japão e a China começarem a comprar, nós sairemos na frente e nós daremos um salto muito grande no patamar de desenvolvimento do Brasil. A única coisa que nós lamentamos é o incidente com a nossa companheira lá na Suíça, que nós esperamos que a polícia apure e que possa dizer à sociedade brasileira e ao mundo o que aconteceu, de fato, lá na Suíça.

Jornalista: (incompreensível) de entrarem na Justiça contra (incompreensível)



campanha eleitoral (incompreensível).

Presidente: Eu, sinceramente, acho uma coisa tão absurda, uma coisa tão pequena. Uma pessoa só pode ser candidata depois que tiver a convenção do partido político, que será no ano que vem. Eu não quero crer que os candidatos deles irão ficar dentro de uma redoma de vidro agora, até quando houver a convenção do partido. A ministra Dilma é a ministra responsável pelo PAC. É a Dilma que trabalha sábado e domingo, é a Dilma que trabalha até as 3h da manhã, é a Dilma que conversa com os governadores todos os dias, é a Dilma que conversa com os prefeitos, é a Dilma que vai ao Tribunal de Contas, é a Dilma que eu denominei, no Rio de Janeiro, “a mãe do PAC”, que trabalha como ninguém jamais trabalhou para que as coisas aconteçam, que tem que viajar para fiscalizar as obras. É ela que conversa com o Eduardo Campos, é ela que conversa com o João da Costa, é ela que conversa com o José Serra, é ela que conversa com o Aécio para que as obras andem, porque está sob a responsabilidade dela a coordenação do Conselho Gestor, que tem o ministro Guido Mantega, que tem o ministro Paulo Bernardo, além do ministro da área específica. Portanto, seria um fato inusitado proibir as pessoas responsáveis pelas obras de fiscalizar as obras.

Jornalista: (incompreensível) A Ministra é mesmo pré-candidata...
(incompreensível)

Presidente: Veja, a Ministra é ministra até o momento em que ela se afastar do cargo, se for aprovada para ser candidata a alguma coisa. Até lá, ela é ministra e vai continuar exercendo o papel de ministra, como exerce o ministro da Saúde, como exerce o ministro do Trabalho, como exerce o ministro da Pesca. Daqui a pouco alguém vai querer proibir que o Gregolin venha comigo iniciar um projeto de pescada aqui em Recife, ou que eu venha com o Eduardo



Campos visitar uma obra, ou venha com o João da Costa.

É impensável, eu acho que é pensar pequeno. Eu acho que eles sabem que os candidatos deles estão viajando. Quem tem interesse, nesse momento, em fazer campanha são eles, não sou eu. Eles têm como única obrigação fazer campanha e encontrar um discurso. Nós temos como obrigação máxima cuidar do Brasil, cuidar do povo brasileiro e administrar as coisas, porque até o dia 31 de dezembro de 2010 eu quero terminar as obras que nós iniciamos.

Jornalista: O senhor pode aprofundar seu comentário sobre a (incompreensível)

Presidente: Eu não posso aprofundar, porque eu tenho as informações que eu recebi ontem do ministro Celso Amorim. Está sendo investigado, está sendo levado muito a sério o caso pela polícia suíça, o Consulado brasileiro está acompanhando. Essas coisas, muitas delas podem ser, e devem ser, conduzidas de forma sigilosa. Vamos aguardar que haja um anúncio oficial da polícia suíça, ou quem sabe...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não. Primeiro, ele vai continuar sendo meu companheiro, com muito mais tempo, agora, de disponibilizar para mim o tempo dele, vai me ensinar a levitar, eu vou ficar muito mais leve. Ele quer ir até o Alvorada me ensinar a nadar, quem sabe eu aprendo a nadar.

Mas veja, eu pretendo aproveitar a experiência de alguns prefeitos, sobretudo nesse momento, em que nós temos 60% dos prefeitos eleitos no Brasil em primeiro mandato. É importante aproveitar as experiências bem-sucedidas de alguns prefeitos que eu quero trazer para perto de mim, para que a gente possa garantir que os novos prefeitos não tenham que passar pelos



mesmos problemas que eles passaram quando ganharam as eleições no primeiro mandato. É uma troca de experiência que eu quero que esses companheiros possam me ajudar a fazer, para que as prefeituras do Brasil possam produzir muito mais e atender melhor aos interesses do povo.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Eu não sei, só o tempo dirá.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Na verdade, tem vários países europeus que já estão em recessão. Os Estados Unidos são o país que tem hoje o problema mais grave a ser resolvido. Vocês sabem que eu torço para o Obama mais do que eu torço por mim, agora. Eu peço a Deus todo dia que ele acerte, que faça as coisas corretas, porque na hora em que a economia americana se recuperar a Europa vai exportar mais e vai comprar mais, a China vai exportar mais e vai comprar mais, e o Brasil vai exportar mais e vai comprar mais.

Eu tenho muito orgulho, e isso é orgulho mesmo, de dizer categoricamente a quem quer que seja, que o Brasil é o país mais preparado para enfrentar essa crise. Eu vou dar um dado para vocês. A Maria Fernanda é uma pernambucana, presidente da Caixa Econômica Federal, e ontem ela me comunicou que a Caixa Econômica, em janeiro de 2007, assinou contratos de R\$ 900 e poucos milhões. Neste janeiro agora, assinou R\$ 1,8 bilhão em contratos, ou seja, o dobro do que assinou em 2007.

Eu acho que houve um exagero muito forte de alguns setores da economia no mês de novembro e em dezembro. Acho que breparam rápido demais quando, na verdade, deveriam ter tido uma paralisação muito paulatina, com férias coletivas, com tentativa de fazer acordos com o movimento sindical.



Há sinais de vários setores já se recuperando. Mesmo o setor da agricultura, sobretudo o de *commodities*, que parecia que ia ser um ano muito ruim, melhorou e melhorou muito, tanto na produção quanto nos preços, de forma que eu... Acho que tem alguns setores... com a indústria automobilística nós temos uma preocupação toda especial porque ela significa 24,5% do PIB industrial e tem uma cadeia produtiva muito extensa. Nós queremos que ela possa voltar a produzir, porque o carro continua sendo uma paixão nacional.

Acho que a construção das obras do PAC neste ano é que vão ganhar fôlego, porque nós ficamos um ano e meio preparando, acertando com o Tribunal de Contas, acertando com a Justiça, acertando com o Meio Ambiente, e agora está tudo pronto para produzir. Eu tenho pedido para que em todas as obras do PAC que for possível, que os empresários contratem em dois turnos, em três turnos. Nós garantimos o dinheiro, eles garantem a construção, e nós garantimos emprego, porque é isso o que nós queremos.

Eu acho que a nossa obrigação agora é olhar para Europa, olhar para os Estados Unidos e pedir para que eles, logo, tomem iniciativas para que a crise pare. Não é voltar a crescer rapidamente, só parar a crise já nos ajuda bastante. Eu estou confiante. No dia 2 de abril eu vou a Londres participar do G-20, levando as experiências das coisas que nós fizemos aqui no Brasil, e eu espero que eles façam o mesmo lá.

Jornalista: Sobre o caso Manoel Mattos, o senhor teve uma reunião com a família ontem. O que foi decidido nessa reunião?

Presidente: Há um pedido da família, um pedido do governador, um pedido do prefeito, um pedido do Governador da Paraíba, um pedido do Ministério Público, para que a gente possa federalizar esse caso. Eu vou chegar em Brasília na segunda-feira, vou pedir uma conversa com o Procurador-Geral da República, com o Ministro da Justiça, com o Secretário dos Direitos Humanos e



vou ver se nós conseguimos federalizar esse processo porque, pelo que eu ouvi nos relatos ontem, a coisa é muito grave e nós precisamos agir com muito mais força. É isso o que foi pedido e é isso o que eu vou tentar conquistar lá em Brasília.

Jornalista: (incompreensível). Há possibilidade de (incompreensível)?

Presidente: Deixe-me falar uma coisa. Os adversários do Eduardo têm que se preparar, que o Eduardo vai ter mais quatro anos no governo. Sabe o que acontece? Eu acho que tem uma obra a ser concluída por esses meninos que assumiram o governo em 2006. Tudo o que nós estamos fazendo pelo Brasil afora, essa coisa vai começar a ganhar impulso, mesmo, a partir de agora. Então, eu acho que o Eduardo não vai conseguir realizar uma obra de transformação em Pernambuco em apenas quatro anos. Por isso, eu acho que ele vai ter muito tempo aqui. Obviamente, o Eduardo é presidente de um partido, é um quadro político como poucos no Brasil, ele pode dar o salto que quiser dar, e eu acho que nós somos tão parceiros que todos os saltos nós daremos juntos.

Jornalista: (incompreensível) o Brasil vai (incompreensível) com essa crise. O senhor acha então que os empresários estão exagerando nessas demissões?

Presidente: Eu acho que exageraram nas demissões. Acho e disse isso na reunião com os empresários, disse isso para a indústria automobilística. Quase todas as empresas brasileiras estão muito capitalizadas. Todos ganharam muito dinheiro no ano de 2008. Então, não era possível que no primeiro mês depois da quebra dos bancos americanos mandassem trabalhadores embora. Eu, pessoalmente, liguei para o presidente da Vale do Rio Doce e disse que era um absurdo o que ele estava fazendo. A Vale do Rio Doce tem muito



dinheiro em caixa, ganhou muito dinheiro. Ora, é exatamente nesses momentos de dificuldade que os empresários também precisam cumprir com a sua parte. Não é só o governo ou os trabalhadores, acho que todo mundo. Não é um problema do trabalhador individualmente, ou do empresário individualmente, ou do governo individualmente. É uma crise que nós não temos controle sobre ela. É uma crise, eu diria, de quebra do sistema financeiro mundial. Nós temos um sistema financeiro mais ordenado, nós não tivemos *subprime*, nós estamos normalizando o crédito no Brasil, então eu não achei justo mandar trabalhadores embora, não achei justo. Acho que era muito melhor ter proposto uma mesa de negociação. Ela agora pode acontecer, eu sei do interesse do movimento sindical, mas eu acho que as pessoas precisam aprender que em um momento de grande produção, a gente ganha muito dinheiro, e em um momento de crise, a gente ajuda aqueles que precisam ser ajudados.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Eu disse isso porque... Veja uma coisa: a crise começou em setembro de 2007. Foi a primeira notícia que nós tivemos do *subprime*. Durante todo o ano a gente vinha acompanhando a crise, e ela se agravou mais quando quebraram os bancos americanos. O que aconteceu? Nós, que estávamos produzindo muitos carros e vendendo muitos carros, de repente tivemos uma queda brusca. As pessoas, eu acho que exageraram. É por isso que no dia 22 de dezembro eu fiz um pronunciamento, em rede nacional, dizendo para as pessoas: se nós, consumidores, paramos de comprar, o comércio para de vender, para de encomendar, a indústria não produz. Aí, nós que não estamos comprando com medo de perder o emprego vamos perder o emprego, exatamente porque paramos de comprar.

Então, eu acho que houve um exagero. Tanto é verdade que se você



pegar todos os dados do mês de janeiro e fevereiro, já tem vários setores caminhando para a normalização, e eu vou trabalhar para que isso aconteça o mais rápido possível. Nós temos uma preocupação com os nossos parceiros do Mercosul, nós queremos ajudar [para] que eles possam continuar comprando os produtos brasileiros, de forma que nós estamos atentos. Estamos atentos, vamos tomar as medidas na hora em que for necessário tomar as medidas, mas eu acho que não é o momento para ninguém se precipitar, não é o momento para ninguém parar os seus investimentos.

Na semana passada eu me reuni com o presidente do BNDES que, por coincidência, também é pernambucano, e pedi para ele acompanhar com lupa os cem maiores projetos de investimento privado no Brasil. Para quê? Para que a gente chame cada empresário que tiver dúvidas e a gente o convença a continuar o seu projeto. Quem continuar o projeto agora, sairá na frente quando terminar a crise.

No mais, meus companheiros, me permitam ir para o Ceará agora. Eu agora fui pescar um beijupirá, e agora vou ao Rio Grande do Norte pescar uma tilápia. É isso. Tchau. Boa sorte, companheiros. Bom carnaval para vocês.

Jornalista: Quando é que o senhor volta?

Presidente: Eu lamento que vocês vão perder o maior (incompreensível).

(\$31EGJLP)